

CORREIO DO VOLUGA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES
Editor—José Ferreira de Magalhães

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36
PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceta collaboraçã que não seja sollicitada.

Más orientações

D'um esplendido artigo, publicado num dos ultimos numeros da *Lucta*, transcrevemos as seguintes passagens:

Se voltarmos os olhos para as nossas industrias, vemos que quasi todas ellas mais ou menos levam uma vida que está muito longe de ser prospera e o mal provém da pessima orientação que a política deu a este assumpto. Pretendeu-se fazer de Portugal um paiz industrial, e para tal se conseguiram escolher-se principalmente as industrias que não tinhamos materias primas, em vez de explorarmos aquellas que valorisariam o que a nossa terra e as nossas colonias nos dão. Empregaram-se milhares de contos de reis em fabricas de lanifícios, para a laboração das queas importamos machinas, lãs, drogas para tinturaria e lubrificação e quasi todos os pertences de que esta industria carece, mandando vir mesmo do estrangeiro, operarios. Para proteger esta industria fez-se uma pauta altamente proteccionista, mas nem assim ella teve vida desafiada. Foi preciso que muitas fabricas fechassem, com perda total dos seus capitales, e que muitas reduzissem a sua producção, para que os actuaes industriaes pudessem ir vivendo.

Ha vivendas de azeite parados por esse paiz fóra e que representam capitales importantes, não só pelo seu valor, mas pelas sommas que fizeram perder.

A industria do algodão é outra que se fundou em circunstancias identicas, tentando ir abastecer os nossos mercados africanos. A nossa pauta ultramarina defendeu-a, mas a defeza não bastou, e como quanto o seu estado seja melhor que o da precedente está muito longe de ser prospero.

Imagine-se que nos tinhamos limitado a fabricar as lãs do paiz e importavamos as fazendas que nos faltassem; podiamos então reduzir os direitos das fazendas importadas a metade dos actuaes, e a receita obtida ainda assim seria superior á que é actualmente arrecadada pelas verbas lanifícios fabricados e materias primas para a sua fabricaçã. Além d'esta vantagem, o consumidor vestiria mais barato e teriam ficado livres os capitales que se têm immobilisado.

Hoje ninguem pode pensar em acabar com estas industrias no nosso paiz, mas o que se deve é pensar na sua remodelaçã, em harmonia com os seus proprios interesses e com os do paiz.

Poderiamos citar ainda outras industrias, como a tanoaria, ressentindo-se dos mesmos defeitos; vive mal, e mesmo para viver mal ainda é á custa das difficuldades que cria á vinctura; mas o que temos dito basta para provar exuberantemente a má orientação que se tem seguido.

Os braços que se empregam n'estas industrias ter-se-iam empregado n'outras em que se manufacturassem os productos do nosso paiz.

Temos nas nossas colonias o melhor cacau conhecido, e pela nota que em seguida damos ver-se-ha qual foi a quantidade d'este genero que exportamos e a que consumimos no paiz nos annos de 1907, 1908 e 1909, assim como a quantidade de chocolate que importamos do estrangeiro:

	Cacau exportado	Consumo	Chocolate importado
	— Kilos	— Kilos	— Kilos
1907	24.624:334	131:100	93:072
1908	27.205:953	161:572	78:954
1909	29:537:034	213:328	85:725

O que em bom portuguez quer dizer, tendo nós a materia prima de 1.ª ordem, fabricamos no paiz uma quantidade minima e ainda fomos importador do estrangeiro o producto manufacturado.

Se nós fossemos um paiz razoavelmente orientado, teriamos desenvolvido a fabricaçã do chocolate e calcule-se os beneficios que d'ahi resultariam: a classe operaria seria beneficiada, a mulher encontraria n'esta industria larga collocaçã e nós teriamos mais ouro, porque, se o valor do cacau exportado se pode calcular em cerca de 8:000 contos, claro está que manufacturado valeria pelo menos 1:600 contos.

Não parece que seja muito difficil conseguir fabricar bom chocolate no paiz, mas se, para realizar tal desideratum é necessario mandar vir mestres estrangeiros, faça-se esse sacrificio, porque o paiz será largamente compensado d'elle.

E já que fallamos n'um genero colonial, seja-nos permitido lembrar o que se passa com outros não menos importantes—a borraça e o café.

A nossa exportaçã de borraça anda muito proxima de 6:000 contos, e nós não só não fabricamos como deviamos artigos de borraça para exportar, mas nem sequer fabricamos todos os de que carecemos para o nosso consumo e vamos importal-os do estrangeiro, para onde mandamos a materia prima.

Temos café em abundancia e temos uma lei que auctorisa que ao café se junte chicoria, grão, etc., fornecendo assim ás classes menos abastadas, em vez de um alimento higienico de primeira ordem, uma mistura de um valor alimenticio quasi nullo; e para se fazer uma idéa de quanto o publico é ludibriado, basta lembrar que só a quantidade de chicoria importada do estrangeiro oscila entre 30:000 e 40:000 kilos.

Os Estados-Unidos do Brazil vêem ás diversas cidades da Europa fazer propaganda do seu café, vêem a Lisboa e ao Porto montar estabelecimentos onde pretendem demonstrar a superioridade d'este artigo, ao passo que entre nós ninguem pensa em auxiliar a installaçã de estabelecimentos onde se venda café portuguez puro. Aos governos da monarchia, o patriotismo só lhes suggeriu a idéa de publicar uma lei em que se auctorisa que se falsifique o café, lei que deve ser revogada urgentemente.

Oliveira Luzes.

SECÇÃO LITTERARIA

Andorinhas

Onde ides vós, Andorinhas,
Tão alto, por esses ares?
Poisae! As ondas das arvores
Não matam, como as dos mares.

O que fazeis, Andorinhas,
A que fazeis de esse modo?
—Bebeste a luz do sol:
Andaes tontinhas de todo...

Lá tão alto, aos redopios,
Andorinhas, que buscaes?
Onde fazer vossos ninhos?
—Mas o céu não tem beiraes!

Andorinhas, eu sei onde
Bem podeis fazer o ninho...
E' longe, mas tendes azas.
E o céu, que lindo caminho!

Andorinhas, não sabeis
A casa do meu Amor?
Sabem-na as fontes e os rios,
O mar e o mundo, em redor.

Vamos por ella, Andorinhas,
Seguindo o meu pensamento:
Vou comvosco em sonho,—e o sonho
Tem azas como as do vento...

Ao largo, ao largo, Andorinhas.
Eu vou comvosco: é voar!
Tenho penas, tenho azas...
Pudera não!—sei amar.

Busca a Estrella do Norte,
Valle em valle, monte em monte:
—A casa do meu Amor
Fica-lhe mesmo defronte.

A casa do meu Amor
Fica junto ao mar sagrado...
Fosse a minha alma a andorinha
Dos beiraes do seu telhado!

Vamos! Ao largo, Andorinhas.
Vêde se me acompanhaes:
Azas de amor (tantas penas!)
Pezam mais, mas vôam mais.

A casa do meu Amor,
Regalo de quem lá mora...
Cheia de sol, lá por dentro;
Cheia de sol, cá por fóra.

Andorinhas, vá! Deixae-vos
De redopios, no ar.
As azas de amor são outras:
—Não sabem revoltar...

Adeus, adeus, Andorinhas!
Antes vá só: vale mais...
—Andaes aos tombos, nos ares,
Tontas de sol como andaes.

Lisboa—Fevereiro, 911.

Antonio Corrêa d'Oliveira.

O que perde o homem

Tres cousas. Muito fallar e pouco saber, muito gastar e pouco ter, muito presumir e pouco valer.

—O homem para ser mestre de si mesmo, deve primeiro emendar em si o que reprehende nos outros.—Diogenes.

Arte e sciencia

Mimetismo animal

(CONCLUSÃO)

E agora me lembro de um caso de mimetismo que me custou um grito e um grande susto nos tempos da minha infancia. Foi na antiga praia de S. Jacintho, perto da cidade d'Aveiro, onde os meus paes costumavam passar o mez de setembro. O areal estende-se por alli fóra a perder de vista; liso, esbranquiado, monotono; unico, esbranquiado, a distancia das casas, sobre umas dunas a que os pescadores da praia davam o nome pittoresco de *lombas*, rebentava tristemente da areia uma estranha vegetaçã.

A planta predominante tinha uma haste fina mas inflexivel; as folhas eram rudimentares, muito fechadas e asperas. Por mais que olhe em volta de mim e das minhas reminiscencias, não encontro coisa nenhuma com que possa ter similhaça esse habitante solitario da beira-mar. Tambem não sei se tem nome; nós, em conciliabulo fraterno, resolvemos chamar-lhes —com analogia ou sem ella—os cordeirinhos!

Havia-os de duas côres: uns sobre o cinzento, muito claros; outros vermelhos e pretos, mais garridos, mais bravos, com certos ares de capricho botanico. Ora as mãos dos pequenos gaiatos são essencialmente curiosas e destruidoras; cahi pois sobre os miserios rebentos que nem a sua pobreza nem a sua solidão defendiam. Mas de repente sendo enroscar-se, em volta de um dedo, qualquer coisa de grosso, de molle, de viscoso, de rastejante; dei um grito, sacudi a mão; e cahiu na areia, tomando a fórma de uma pequena arandilha, um lacrau formidavel, com uma cabeça da grossura do corpo, de esporão na cauda, a tunica pintada da côr das hervas que elle manchava com a sua nojentissima baba.

A uma tal distancia, n'um tal silencio, n'um tal deserto, ainda assim, meus queridos amigos, a natureza não julgou essas suas vidas isentas de perigo; podia acontecer o que realmente aconteceu—um grupo de pequenos estudantes em férias, quer dizer, um grupo dos peiores inimigos, aproximarse do sitio para se deitar abaixo das dunas de areia. Era preciso pois defendel-as contra essa edade implacavel, contra outro qualquer accidente. E a natureza seguiu o seu processo ordinario: escondeu as lagartas, cobriu-as das mesmas tintas do celloiro onde ellas se nutrem.

Instincto previdente, admiravel! Instincto do mesmo chãos, que pertencem á mesma familia, que são animados pela mesma seiva; mas os seus ramos ficam seguros, não dão abrigo seguro, são muito claros!

D'essa hora já afastada da minha infancia não me ficou durante muito tempo impressã alguma; mas um dia, mais tarde, quando ouvi fallar nas escolas d'este curioso phenomeno, ao qual a sciencia deu o nome de mimetismo, e

que eu chamaria de boa vontade o carinho da natureza de seus fracos, a scena da praia de S. Jacintho resurgiu na minha mente, com toda a sua vivacidade, como resurgem velhas letras n'um papel escripto a tinta-sympathica que se aproxima do fogo.

Na mesma cidade observei ultimamente outro caso interessante. As aguas da ria de Aveiro entram na terra por uma especie de esteiros que serpeiam pela vasta planicie, formando ilhas graciosas na maré cheia, e deixando a descoberto, na vasante, o lodo negro do leito. Durante essas horas, como peidros calcular, nuvens de mosquitos erguem-se opportunamente do viveiro empestado. Por consequencia appareceu a aranha: uma aranha de côres duvidosas, esverdeada e amarellada como os juncos apodrecidos onde ella arma a sua teia. Toma a sua posiçã no centro do redondel, o caçador asqueroso, de olhos attentos, de patas estendidas, com o ventre volumoso e pelludo encostado a uma haste mais grossa.

Eu passeiava um dia por esses lados, junto de um braço desnudado do rio; ao sentir os meus passos, as aranhas mexiam-se precipitadamente nas suas redes, alvoroçavam-se, e parecia-me a mim que abandonavam a armadilha para se esconderem em qualquer parte, quem sabe? no fundo das hervas.

No emtanto começou a impressionar-me a rapidez com que ellas executavam a sua fuga; sumiam-se magicamente! Eis pois o que descobri: ao sentir os passos perturbadores, os aranhões não abandonavam o seu posto de observaçã e de defeza; adelgacavam o ventre de uma maneira mysteriosa, despejavam-no, entornavam-no pelo junco abaixo, reduziam-no a um estreito canal; ao mesmo tempo encolhiam as patas, faziam-nas em dois feixes, estendendo um d'elles para cima, ao longo da haste, e outro para baixo, entre o ventre e o junquillo. Esta manobra era realisada com uma tal rapidez e com uma tal perfeiçã, que eu, já suspeitoso do que se passava, olhando para o theatro da accã com olhos desconfiados e prescutores, não lograva avistar o astucioso acrobata confundido com o seu trapezito; tanto que, para me tirar de incertezas, colhi da margem um torrão secco de lama, atirei-o com mão certa ao centro do poste, e descobri finalmente o estratagemas: a aranha, assustada com o golpe, batida pelo projectil, perdeu a serenidade e o equilibrio e cahiu redonda no meio da agua!

Na minha passagem por Coimbra—estava por esses tempos nas vespersas de partir para Africa—conteei o que vi ao professor de zoologia da universidade, dr. Bernardo Ayres; elle disse-me que o caso era novo e interessante, mas, accrescentou logo, muito difficil, mesmo impossivel de fixar, a não ser pela photographia.

Lembro-me de ter visto, n'um almanak Hachette d'estes ultimos annos, uma pagina deliciosa consagrada ao mesmo assumpto de que me estou occupando. Eram

no ou seis pequenos quadros de mimetismo; no ultimo, á esquina da pagina, via-se um graveto com es espinhos, grossos, atarracados, triangulares. Pois bem, um d'esses espinhos era um animal disfarçado, era, se não erro, o *perkos viez* dos campos.

Vou citar-vos, finalmente, para não me alongar muito, o grande código do mimetismo animal, o livro do naturalista inglez Wallace. Este sabio, não propriamente como um fim, mas como um meio, como um argumento para a these que o apaixonava, estudou diligentemente o phenomeno; procurou-o com os seus proprios olhos pelo mundo inteiro; reuniu todas as peças que pode encontrar; ligou-as-conjugou-as com uma arte esplendida, com uma paciencia inaudita; deu a essas observações isoladas, n'uma forte syntese, o seu caracter o seu sabor scientifico; emfim, revelou aos homens, em todo o seu esplendor, esse maravilhoso segredo da natureza.

A *Grande Encyclopedia*, esse inventario das sciencias, das letras e das artes, recentemente adquirido para a bibliotheca do seminario diocesano, reduz os phenomenos do mimetismo a quatro classes, citando a proposito de cada uma exemplos numerosos e tanto mais interessantes quanto mais sujeitos á observação desprevenida de todos os dias:

- 1.ª Mimetismo pela attitude e pelo emprego de secreções naturaes;
- 2.ª Mimetismo pela adunção de objectos extranhos;
- 3.ª Mimetismo pela adaptação á côr da terra e dos vegetaes;
- 4.ª Mimetismo por semelhança com outros animaes.

E agora, meus queridos amigos, uma proposta: abri os olhos, apurá a observação; e áquelle que me apresentar o mais bello exemplar de mimetismo animal, eu dou-lhe um relógio novo com uma corrente.

Bispo d'Angola e Congo.

ABC Illustrado

POR

ANGELO VIDAL

UMA CARTA

A proposito do bilhete postal que José Patusco dirigiu a *El-Vidalonga*, por intermedio do *Correio do Vouga* e como procurador dos srs. Manuel Nunes de Carvalho e Silva, José Antonio de Carvalho Junior, Antonio do Carmo de Magalhães e Albano Joaquim d'Almeida, recebemos d'este a seguinte carta que publicamos com todo o gosto:

Ois da Ribeira, 28

Sr. Redator.—Não era minha intenção pegar na pena nestes dias de Carnaval; mas, estando fúlo por o sr. Patusco beliscar com a minha pessoa, faço-o para mostrar quanto me indignou o procedimento do meu desconhecido procurador.

Fique certo, sr. Patusco, que, se tornar a mexer conmigo, protesto contra a circulação dos bilhetes postaes, e o amigo fica sujeito a perdas e danos que por ventura possa haver.

Tenho muita satisfação que *El-Vidalonga* continue com os seus floridos e espi-rituosos versos, mas isso de procurações é que é mais serio.

Digo-lhe isto e tome cantella porque se me faz azedar... Então, adeus, ó menina, que vou aos touros: sou homem para dia-citar com o amigo, ainda que tenha de principiar de vespera e só findar no dia seguinte. O amigo apoqueante os seus parentes mais chegados, e não brinque com coisas serias, se não faço-lhe justificar, com lingua de palmo, quando é que lhe passei a tal procuração. Olé se faço.

De v. etc.

ASSUMPTOS LOCAES

Esteve aqui, no dia 28 do mez passado, o illustre governador civil do districto sr. dr. Rodrigo Rodrigues, S. Ex.ª quiz informar-se pessoalmente dos estragos produzidos pelas cheias do rio Vouga no *Campo Velho* a que por mais d'uma vez nos temos referido. Acompanharam-no ao local os srs. drs. Diniz Severo e Eduardo de Moura, Aristides Dias de Figueiredo, Sebastião Pereira de Figueiredo e os membros da commissão parochial administrativa.

O sr. dr. Rodrigo Rodrigues verificou que é absolutamente indispensavel fazer quanto antes, a rectificação de parte da margem esquerda do referido rio, e neste sentido se entendeu já com o illustre ministro do Fomento que, segundo alguns jornaes annunciaram, vae ordenar as respectivas obras.

Só quem não conhece o estado em que se encontram muitas das propriedades do nosso campo é que deixará de applaudir quantos tem trabalhado para a realisação do melhoramento que o sr. dr. Brito Camacho ordenou ou vae ordenar.

Applausos merecem-nos, sem duvida, o illustre governador civil do districto e a commissão parochial administrativa. Não lh'os regatearemos, e não lh'os regateará tambem quem se interessar pelo bem estar d'esta terra.

NOTICIARIO

Dr. Marques Mano—N'um dos ultimos dias, fomos dolorosamente surprehendidos pela noticia do fallecimento do sr. dr. Ildefonso Marques Mano, que, durante muitos annos, viveu em Aveiro, onde alcançou justamente a reputação de homem intelligente, trabalhador e honesto. Não exaggeramos, dizendo que foi, no seu tempo, um dos advogados mais sabedores e mais conscienciosos d'esta comarca e um dos professores mais competentes do lyceu d'aquella cidade. A affirmar o seu alto valor intellectual e as suas excepcionaes qualidades de trabalho, deixa o illustre extinto, além de muitas peças juridicas de incontestavel merecimento, varios livros de ensino secundario, alguns actualmente approvados, entre estes a «*Geographia geral*» para as tres primeiras classes e o «*Compendio de Historia*» para a 4.ª e 5.ª.

O dr. Marques Mano destacou-se, durante o governo franquista, como redactor politico da «*Vitalidade*» e como collaborador de um diario regenerador-liberal que se publicou no Porto, intitulado «*Diario Nacional*».

Reconheceu João Franco merecimentos no illustre advogado, professor e jornalista, e nomeou-o director geral de ins-

trucção primaria, logar que elle desempenhou até á proclamação da Republica.

Desde então não pôde mais trabalhar, e com sacrificio o fazia já ha algum tempo. Lutando contra a tuberculose, e com a esperanza de alcançar algumas melhoras, retirou-se para a Guarda onde acaba de fallecer.

Sentimos sinceramente a morte do illustre extinto e acompanhamos a familia enlutada na sua dôl.

Theatro—A «*Troupe dramatica portugueza*», da direcção do actor Carreira, que se encontrava aqui ha bastante tempo, despediu-se no domingo passado, levando á scena o drama em 5 actos «*D. Ignez de Castro*».

Seguiu para Alquerubim, onde dará tres espectaculos, tencionando ir d'alli para *Albergaria-a-Velha*.

O sr. Carreira e os seus collegas são dignos do auxilio do publico, pela sua conducta honesta. Muito desejamos que sejam sempre felizes.

D'além-mar—Acabamos de receber boas noticias do nosso presado amigo e conterraneo sr. Manoel Rodrigues Vieira, residente em Lourenço Marques, e que, ha alguns mezes, esteve entre nós. D'aqui o abraçamos, desejando-lhe as maiores felicidades.

Nova sapataria—Acaba de abrir aqui uma loja de sapataria o sr. Augusto Teixeira, antigo official do nosso amigo e habil artista sr. Paulo Ferreira da Costa. Desejamos que o publico o auxilie, o que bem merece pelas suas qualidades de rapaz trabalhador e honesto.

Nomeações—Foram nomeados officiaes do registo civil, respectivamente para Estarreja e Monte-Mór-o-Novo, os nossos amigos srs. drs. Caetano Tavares Affonso e Cuuha e Armando Gerardo Monteiro de Carvalho. A ambos, os nossos mais cordaes cumprimentos.

Transcrição—O nosso presado collega *A Verdade*, semanario academico de Aveiro, transcreveu parte do nosso artigo *A imprensa e a politica partidaria*.

Muito obrigados.

Concursos—Estão abertos concursos, por espaço de 30 dias, para provimento dos logares de professores vagos nos lyceus centraes e nacionaes do continente da Republica e ilhas adjacentes.

Mortos illustres—Morreram, ultimamente, os snrs. Fialho d'Almeida, que era actualmente talvez o nosso primeiro escriptor, e Augusto Fuschini honrado e notavel estadistas da monarchia.

Correio do Vouga—Não nos foi possivel publicar o nosso jornal, na ultima semana. Que nos desculpem os presados e amaveis assignantes, e podem ficar certos de que respeitaremos a praxe que até aqui temos seguido o que, afinal, é absolutamente justo: descontar-lhe-hemos na assignatura o numero que não foi publicado.

DURANTE A SEMANA

Estão presos varios parochos por terem lido a pastoral ultimamente publicada pelos bispos portuguezes. D'estes apenas o sr. D. Antonio Barroso, prelado do districto do Porto, desobedeceu ás ordens do Governo, pelo que foi destituído, passando a viver em Sernache do Bomjardim.

—Descobriu-se no Brazil uma conspiração de portuguezes alli residentes contra as novas instituições do nosso paiz. Foi ha dias informada a policia de investigação criminal de que um representante dos conspiradores vinha a caminho da Europa a bordo do paquete «*Aragón*». Tratava-se do portuguez Arthur de Vasconcellos Veiga Faria, natural de Aveiro, e redactor do jornal da capital federal, «*A Tribuna*».

O «*Aragón*» chegou no dia 8 ao Tejo, comparecendo immediatamente a bordo o capitão Ochôa, da policia civica, assim como um redactor do «*Mundo*» e um photographo do mesmo jornal.

O Veiga Faria foi immediatamente preso e levado para o Limoeiro, onde ficou incomunicavel.

O diario lisbonense, a «*Capital*», no seu numero do dia 9, diz o seguinte a respeito do conspirador Veiga:

Pelas averiguações de hoje apurou-se que de facto se trata d'uma associação de malfeitores que pretendiam assassinar todos os membros do governo provisorio da Republica. Este, porém, conhece já o detalhe dos principaes implicados, que davam ao facto a côr politica para facilitar a acção do crime e extorquirem assim dinheiro aos monarquicos. São puros e simples bandidos, escumalha da colonia portugueza do Brazil.

Sabemos que tanto em Portugal como no Brazil ser-lhes-á applicada inexoravelmente a lei penal.

Pelas averiguações a que hoje se procedeu na cadeia do Limoeiro hontem preso a bordo do «*Aragón*» Vasconcellos da Veiga é um refinado «*escroc*», não sendo a primeira vez que é preso, como affiançou quando lhe perguntaram a sua identidade, pois pelo menos já foi condemnado em 1904 a 3 mezes prisão correccional e 30 dias de multa pelo crime de furto.

O preso foi hoje interrogado pelo capitão sr. Pestana. Continúa incomunicavel.

INSTRUÇÃO PRIMARIA

Rudimentos de Sciencias Naturaes, conformes os programma de 1902

POR

ALVARO M. MACHADO

Bacharel formado em Philosophia e Medicina pela Universidade e professor efectivo do Lyceu D. Manuel II

E

A. A. FLORES LOUREIRO

Medico cirurgião pela Escola Medica do Porto e professor interino do mesmo lyceu.

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS.

A SAHIR BREVE:

A Corte de Junot em Portugal

Historia Nacional por

Rocha Martins

NOTICIAS PESSOAES

Doentes

Continúa bastante doente o nosso presado amigo e conterraneo sr. José Fortunato Coelho de Magalhães cujas melhoras sinceramente desejamos.

Tambem tem passado encomodados os nossos conterraneos srs. Carlos e Venancio de Figueiredo, Paulo Ferreira da Costa, Manuel Marques Ferreira e esposa e João Simões de Carvalho e o distincto clinico d'esta villa sr. Dr. Eduardo de Moura e dois dos seus filhinhos. A todos desejamos rapidas melhoras.

Estadas

De visita ao sr. José Fortunato Coelho de Magalhães, estiveram aqui, no dia 8, o sr. Liborio Rocha e o sr. major Moraes e familia.

Partidas e chegadas

Regresaram de Lisboa, onde haviam ido de visita a pessoas de familia, os nossos presados conterraneos srs. Abel dos Santos e Manuel Luiz Ferreira.

Anniversarios

Pelo seu anniversario, que passou ha dias, cumprimentamos o nosso amigo sr. Manuel Antonio Miranda, residente no Barreiro (Lisboa), mas aqui muito conhecido e estimado, pois foi quem dirigiu os trabalhos de construcção da ponte sobre o Vouga.

Pelo mesmo motivo felicitamos tambem a sr.ª D. Izaura de Magalhães, esposa do nosso amigo sr. Antonio do Carmo de Magalhães.

Curiosidades

Antecedentes historicos da telegraphia sem fio

A telegraphia sem fio impressiona profundamente a imaginação popular, ainda que, logo desde o começo da telegraphia, se pensasse em dispensar o fio conductor da corrente electrica na transmissão dos despachos. Os inventores procuraram a solução do problema quer por meio da conductabilidade electrica do sólo e da agua, quer por meio da inducção electrostatica, quer por de meio de sistemas radiophonicos que utilizam a reprodução dos sons pela acção das radiações luminosas e calorificas, quer ainda por meio das radiações ultra-violetes e infra-vermelhas.

A telegraphia sem fio e a imaginação popular

Apertar a terra numa estreita rede de fios e de cabos telegraphicos que, em instantes, nos põem em relação com as paragens mais afastadas, é muito e já provoca hymnarios de triumpho aos oradores quando celebram, nos seus discursos, as conquistas do ingenho humana; mas mandar a centenas e a milhares de kilometros, despachos sem outro supporte que o invisivel ether é muito mais. Perante tal facto, a nossa imaginação sente-se profundamente abalada e quasi nos faz pensar num mundo

novo todo saturado de maravilhosos. Realmente nenhuma das grandes descobertas devidas aos incessantes progressos da electricidade feriu tanto a imaginação popular como a telegraphia sem fio. E será esta impressão devida ás consequências commerciaes ou industriaes da fe-
liz e maravilhosos descobertas?

Não certamente. O grande publico aperfeiçoamento da telegraphia sem fio, lê com avidéz as noticias que a tal respeito lhe fornecem os grandes diarios, mas não porque antegóse, nesta sua ancja de saber, o fatal o bemestiar das conquistas do progresso, poisque a grande maioria nunca será beneficiada pela telegraphia sem fio, não porque espere, sem futuro proximo, uma completa remodelação na industria das intercommunicações.

Mui diversa é a causa do interesse do publico pela telegraphia sem fio. E' que elle habituou-se a associar á ideia de telegraphia a ideia de fio; habituou-se a vêr por cima das cidades e ao longo das estradas esses fios que longe levam todas as noticias. Em presença, pois, duma nova telegarhia electrica que dispensa os fios, a sua imaginação, sempre prompta para ser imaginativa excita pelo inacessível e pelo desconhecido, interessou-se intensamente pela nova descoberta. E no emtanto, nada mais simples nem mais comprehensível do que a telegraphia sem fio. Certamente que a telegraphia sem fio nos esconde ainda, numa technica delicada e complexa, muitos segredos; mas o principio, a essencia da telegraphia sem fio, como adeante veremos, está ao alcance de todas as intelligencias e, diremos ainda, de quasi todas as bolsas. Com uma reduzida fazeza, qualquer de nós poderia fazer telegraphia sem fio caseira — deixem-nos assim dizer — telegraphia sem fio para satisfação do nosso espirito, ávido de verdade e de novidade.

A AGUIA

Revista quinzenal illustrada

de litteratura e critica

Sae a 1 e 15 de cada mez e só publica inéditos.

Cada numero, 50 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o director do jornal — R. de S. Miguel, 36 — Porto.

Conto japonéz

Um segredo morto

Ha já muitos annos, vivia na provincia de Tamba o rico negociante Inarmnaya Yenkuse, que tinha uma filha chamada Osono. Osono era linda como uma flor, era boa, era intelligente; e o pae teve pena de a deixar crescer dando-lhe apenas o parco ensino dos professores da sua aldeia. Resolveu manda-la para Kyoto onde ao cuidado de alguns amigos, lhe seria facil completar a sua educação.

Foi á sua volta da cidade, que ella casou com um amigo da familia de seu pae. com quem viveu feliz durante quatro annos e de quem teve um filho. Breve é porém a felicidade da terra. Osono morreu.

Já ia longa a noite que fechara o dia do seu enterro, quando o pequenito veio dizer que a mãe voltara, que estava lá em cima no quarto, que o fitara e lhe sorriera doce mente sem lhe fallar. Tivera medo,

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 3

O entrudo, este anno, passou aqui quasi despercebidamente. Apenas algumas mascaradas, sem importancia, e algumas carroças e automoveis enfeitados entreteveram o publico curioso que não pôde resistir ao habito de sahir para a rua nestes tres dias tradicionalmente festivos e foliões.

—Na terça-feira, ás 8 horas da noite, quando toda a gente abandonava a Praça da Republica e recolhia a casa, ouviram-se repetidos toques de apito para os lados da Praça da Figueira. Para lá nos dirigimos e, ao chegarmos á estação do Rocio, surprehendemos um enorme clarão que illuminava toda a cidade baixa. Era um pavoroso incendio que se manifestara no 3.º andar d'um prédio da rua dos Paulistas communicando-se immediatamente ao 4.º onde se encontravam quatro pessoas que não puderam salvar-se morrendo horrosamente carbonisadas.

—Na Patriarchal, defronte do jardim, um carro electrico matou um pobre operario, empregado na redacção do jornal o Mundo, o qual deixou viuva e seis filhas na maior miseria.

—Na rua 24 de Julho um militar de Infantaria ficou esmagado debaixo d'um comboio. Foi victima da sua imprudencia. —Deram-nos, ha dias, a honra da sua visita os nossos amigos srs. Joaquim Marques Ribeiro, chegado ha pouco do Brazil, e Luiz da Silva, ambos naturaes d'Azurva, para onde tencionam seguir brevemente.

—Estiveram nesta cidade, aonde vieram passar o Carnaval, o sr. Manuel Caetano Ferreira e sua esposa Jacintha Tavares de S. João de Loure, para onde já retiraram.

—Acaba de fallecer nesta cidade uma interessante creancinha, filha do sr. Antonio Ferreira Pinto. O enterro foi civil. O cadaver da desventurada creança foi conduzido, por caixão de madeira forrado a velludo por quatro meninos vestidos a republicana, e no prestito incorporaram-se grande numero de amigos do sr. Pinto e a commissão republicana do centro 5 de outubro e do centro Miguel Bombarda.

—Fomos, ha dias, surpreendidos pela dolorosa noticia do fallecimento do nosso amigo sr. Venancio Victorino, de Loure, para onde havia seguido ha dois mezes. Pesamos a toda a sua familia.

—Passa incommodado o nosso amigo sr. José Tavares de Figueiredo a quem desejamos as mais rapidas melhoras. — Melicias.

Azurva, 3

O dia 28 passou aqui muito socegradamente, aliás contra o que se esperava, visto ser um dos mais turbulentos do anno e as coisas politicas estarem por aqui... politicas de mais. Mas antes assim.

Já não aconteceu o mesmo, infelizmente, na Quinta do Gato. Ora contemos o lamentavel facto. Pelas 3 horas da tarde d'aquelle dia e no referido logar andavam dois irmãos a demarcar umas propriedades. A paginas tantas, e não sei bem por que razão, um d'elles, de nome Antonio e por alcunha « Pouco Pão», punou d'um machado e descairegou-o no pescoço do outro, que cahiu por terra, sendo immediatamente conduzido ao Hospital d'Aveiro. Não podemos informar da gravidade do estado do ferido, mas sabemos que o golpe que o irmão lhe fez no pescoço é enorme.

—Retiraram, ha dias, para Villa Amadora o sr. Manuel Marques Ribeiro e sua irmã, a gentil menina Anna Marques.

e descera a dizel-o.

Subiu alvorçada a familia as escadas do quarto que fôra de Osono e quedou-se estupefacta, ao chegar lá, vendo á luz de uma lampada que illuminava um relicario, a figura da mãe morta.

Desenhava-se em pé ao lado da commoda que continha as grinaldas e o kymono do seu noivado.

Viam-se-lhe nitidamente a cabeça e os hombros. Para os pés, o corpo ia-se desvanecendo até desaparecer, como o reflexo transparente de uma sombra na agua.

Fugiram espavoridos!

Cã em baixo, aconselhando-se mutuamente disse a avó do pequeno: «Uma mulher gosta muito dos seus adornos e Osono era uma encantadora mulher. Talvez voltasse a lembrar os seus. Sei que muitos relembram o tãem feito. Deve querer que os dêmos ao templo da sua parochia. Só se o fizermos, o seu espirito encontrará repouso.»

E concordaram porque isso seria feito o mais depressa possivel.

Na manhã que se seguiu, foram esvasiadas as gavetas, e o kimono respandecente que doirava as suas

—Vindo de Manaus chegou a Lisboa no dia 20 o nosso conterraneo e amigo sr. Joaquim Marques Ribeiro que aqui esperamos ansiosamente. — C.

S. João de Loure, 3

Vindos de Lisboa, onde foram passar o carnaval, chegaram aqui os srs. Manuel Ferreira d'Almeida e sua esposa, e José Francisco d'Andrade, e a sr.ª Maria Anileiro, esposa do sr. Sebastião Anileiro.

—Partiram para a capital os srs. Antonio Ribeiro Dias e João Dias Rallo.

—Estiveram aqui, ha dias, os srs. Dr. Manuel de Lemos e Vicente Faça, respectivamente presidente e vice-presidente da Camara de Albergaria-a-Velha, os quaes vieram tratar da expropriação d'uma faxa de terreno, á volta do novo chafariz, destinada a fermar um largo, que não só embelezará o chafariz como servirá de recreio para o publico. E' mais um melhoramento importante para esta terra, sendo de toda a conveniencia que se realice o mais depressa possivel, especialmente para tapar a bocca áquelles que não sabem sequer que já está feita a expropriação.

—Falleceu, ha dias, repentinamente, a sr.ª Thereza Dias Ralla.

—Victimado pela terrivel tuberculose, tambem falleceu, num dos ultimos dias, o nosso bom amigo Macario Nunes d'Abreu. A's familias enluctadas enviamos sentidos pesames.

—Chegou, hontem, aqui o novo professor, que vem substituir o nosso illustre amigo sr. Alexandre Nunes Vidal, e cujo nome não nos occorre. Já tomou posse do seu logar. Fazemos votos por que se conserve aqui largos annos, merecendo, como o seu antecessor, a sympathia e a estima da população inteira.

Apesar de toda a nossa boa vontade, não nos foi possivel ir cumprimentar o novo professor, á sua chegada, mas este dever havemos de cumprir-o hoje juntamente com alguns amigos.

—Que me desculpem os leitores do Correio do Vouga de demorar tanto as minhas correspondencias, ao que sou obrigado por falta de tempo. — C.

Alquerubim 5

Esta noite, houve recita no theatro d'esta freguezia, por uma companhia de Lisboa, que representou o drama « Duas Orphãs », agradando muito o seu desempenho.

A casa estava completamente cheia e tanto que ábateram algumas bancadas com o peso, não se magoando, felizmente, ninguém.

—Começaram, hoje, os sermões quaresmaes, sendo orador o parcho de Oliveira de Frades, que agradou muito. Fallou sobre o peccado mortal e as suas consequências.

Costa de Vallado, 7

Falleceu, no dia 3 do corrente, o abastado capitalista sr. Antonio Ferreira Canha, da Costa do Vallado.

Falleceu em Coimbra para onde havia ido ha tempos, afim de sofrer uma melindrosa operação na bexiga.

O cadaver do saudoso extinto foi trasladado d'aquelle cidade para a sua terra. No funeral, que foi muito concorrido, incorporaram-se as Irmandades de aqui, da Povoia e Mamodeiro, e a magnifica philarmónica de Fermentellos.

Sobre o caixão foram depositadas muitas corças.

O extinto era um cidadão honesto e estimado por quantos o conheciam. A toda a familia enluctada, envio sentidos pesames.

bodas levado para o templo.

Mas, pela calada da noite, de novo Osono qual Samurai vigilante, se poz em frente da commoda. E outra noite, e outra, e tantas, que a casa remansada e quêda, se volveu n'um logar de pavor.

Resolveram então ir ao templo da parochia e contando tudo ao padre, implorar-lhe um conselho salvador.

O templo era o de Zew e o padre um velhinho conhecido pelo nome de Daigen Ostro.

—«Deve haver n'essa commoda alguma cousa porque ella auceia» — disse elle.

—«Esvasiamos todas as gavetas» — retorquiram.

—«Bem — disse Daigen Ostro — velarei esta noite em vossa casa. Dae ordem para que ninguém interrompa a minha vigilia, a não ser que eu chame.»

E, ao sol posto, entrou para o quarto da morta e lá esteve a ler os seus Sutas sem que nada lhe apparecesse até á hora do Rato. Então, repentinamente, delineou-se a seu lado a vaga figura de Osono com uns grandes olhos angustiados,

—Está para breve o enlace matrimonial do sr. José Fernandes Filippe com a menina Rosa da Cruz Maia, mais conhecida por Rosa Rosita.

A noiva, que se dedica á costura, é uma excellente rapariga, dotada de primorosas qualidades de coração e de caráter; e o noivo, que tem o officio de carpinteiro, é um rapaz honesto e trabalhador, digno da estima e consideração que todos lhe dedicam.

Desde já, muitos parabens, com o desejo sincero de que sejam muito felizes.

—Embarcou, ha dias, com destino a S. Francisco da California, os srs. Antonio Francisco Carrigo e Manuel Caetano Loureiro, a quem desejo boa viagem e muitas felicidades.

—Falleceu aqui no dia 5, o sr. José Peralta que era um excellente chefe de familia.

Arfaxado.

Aveiro 5

Falleceu, num dos ultimos dias, o sr. Augusto Cesar de Brito, filho do nosso amigo sr. Alfredo de Brito e irmão do sr. Antonio Constantino de Brito, digno e illustrado pharmaceutico em Pinheiro.

O extinto, que contava apenas 20 annos, era um excellente moço. A todos os seus, sentidos pesames. — C.

LISTA DOS SUBSCRIPTORES

Subscrição aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officiaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de subsistencia.

Transporte . . .	170\$150
Padre Manuel da Cruz . . .	1\$500
José Liborio . . .	1\$000
D. Carolina Adelaide de Mello . . .	1\$000
Manuel Rodrigues Vieira . . .	1\$000

Somma . . . 174\$650

Todos os nossos conterraneos que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.ª Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo Figueiredo, em Eixo; Manoel

sempre fixos na commoda.

O padre preferiu serenamente a fórmula completa prescripta n'estes casos, e dirigindo-se á sombra pelo kaimio de Osono disse:

«Aqui estou para te valer. Talvez n'aquelle commoda esteja a causa da tua angustia. Queres que a procure?»

A sombra pareceu acquiescer com um leve movimento de cabeça e o padre abriu a primeira gaveta.

Estava vazia. Successivamente foi abrindo a segunda, a terceira... e em todos procurou detidamente. Nada encontrou, mas os olhos de angustia não deixavam de o fiar.

Occorreu-lhe então que qualquer cousa podia estar sob o papel com que as gavetas eram forradas. Voltou a abri-las. Tirou o forro da primeira; da segunda, da terceira e quando já desanimara, no forro da ultima encontrou nma carta.

—«E' esta a causa da tua tortura?»

A sombra voltou-se para elle. Os olhos mysteriosos fixavam-se no misterioso papel.

«Devo queimal-a?» — A sombra ajoelhou.

de Moura e Avelino Dias de Dias Saldanha, em Lisboa, Rua Augusta, n.º 100-1.º; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.º 36.

Padaria Lamego

DE

José Ferreira Coelho de Magalhães

529, Rua do Almada, 533

PORTO

Pão de todas as qualidades, bijou, hespanhol e familia.

Fabrico especial de pão de Lamego.

Distribuição a qualquer hora para todos os pontos da cidade.

Vinhos licores, bolachas, tabacos, etc.

O LUXO

CHRONICA DE LISBOA

Novo e sensacional romance do mesmo auctor de

OS TRISTES

e, como este, livro de critica, livro para recreio e para estudo, d'um realismo interessante.

O suggestivo titulo com que elle será apresentado, dispensa referencias á sua indole: o justo renome do sr. Barros Lobo é uma garantia do seu merecimento.

A SAHIR BREVE

A Deshonra

ROMANCE POR

D. João de Castro

Venda de propriedades

David Ferreira da Rocha vende todas as que possui em Eixo, Oliveirinha e Azurva.

Os pretendentes podem procura-lo em Eixo, ou em Aveiro no quartel.

«Será queimada amanhã no templo. N'este mundo só eu a lerei.»

E a sombra evolou-se n'um largo sorriso de conforto.

Rompia a madrugada quando Daigen Ostro desceu a escada a socegar a familia anciosa.

«Ficæ certos que não tornará a voltar» — assegurou elle.

E realmente nunca mais voltou.

A carta foi queimada.

Fôra escripta em Kyoto no tempo em que ella lá estudara. Fallava de paixão, da justa paixão que despertara essa Osono, linda como uma flor.

Mas só o padre soube o que lá estava escripto, e o segredo morreu com elle.

Lisboa, fevereiro de 1911.

CHRISTOVAM AYRES (FILHO).

(De «A Aguiã»).

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO



ANGELO VIDAL

A B C ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado) por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

O desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da Livraria Central, de Gomes de Carvalho—158, rua da Prata, 160, LISBOA.

GRAMMATICA ELEMENTAR

LINGUA PORTUGUEZA

PARA USO DOS ALUMNOS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 reis

PROGRAMMAS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de instrução primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instrução Primaria, por A. M. F.

3.ª edição. . . 100 reis

Manuscripto das Escolas Primarias

POR ANGELO VIDAL

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes acomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR VIEIRA DA COSTA

OS TRISTES

POR FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A accitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:— Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão—27300 reis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Tradução de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Tradução de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete oferecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.ª edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol., 100

LIVRARIA CENTRAL

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.ª edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em forma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religioes especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual fôr a sua opinião e a sua creença, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuvas

Preço 500 reis

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.—32 paginas—50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfatiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeracão seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do a ctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas saticas», com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas, «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A venda em todas as rarias

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administracão: R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Portugal—anno	1\$200
» —semestre	600
Africa —anno	1\$500
Brazil —anno—(moeda forte) .	2\$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha . .	10 reis
Communicados, cada linha . .	20 »
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.	
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.	

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administracão—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Cam.º Int.

4.º ANNO—N.º II